MADLINE B. STERN, *Purple passage. (The life of Mrs. Frank Leslie.)*—
Norman (U. S. A.), Oklahoma Press, 1953. \$3.75 dls. 281 pp.

Frank Leslie —“la Aspasia del Sur”, René Miriam Follin— es una de las mujeres más pintorescas y dinámicas del siglo XIX (1836-1914), en los Estados Unidos. Visitó varios países de Europa y de la América española; contrajo matrimonio cuatro veces (el joyero Peacock, el arqueólogo y diplomático E. G. Squier, el gran periodista Leslie y un hermano de Oscar Wilde: dos de ellos murieron en el manicomio) y tuvo numerosos admiradores y adoradores; entre ellos, el poeta Joaquín Miller.

Su hogar fué oscuro; ganó alturas envidiables como directora de la gran revista norteamericana de su nombre; hizo viajes a Europa, tuvo diamantes, lectores, interlocutores de los más brillantes de su época; bajo sus auspicios, Oscar Wilde recorrió los Estados Unidos; al final de su vida era Baronesa de Bazus, y en su testamento dejó dinero para el movimiento sufragista (dos millones de dólares) y la Sociedad Protectora de Animales.

Vida tempestuosa, irradiante, que al sólo ser relatada en estilo vívido por miss Stern, convierte el libro casi en novela; pero su documentación y los numerosos testimonios que la autora ha encontrado en diversos países, le dan un sabor de historia apasionante, por la que desfilan escritores, artistas, millonarios con inteligencia y también la canalla que se interpone para ensombrear a sus víctimas envidiadas.

La autora ha publicado antes *The life of Margaret Fuller y Louise May Alcott*, y tiene grado de la Universidad neoyorkina de Columbia. De hábil modo, conduce al lector a través de un laberinto de acontecimientos, de escenas, paisajes y gentes que hicieron historia. Por eso, cuando sea traducida al español, en los países hispanoamericanos donde tomó apuntes y gozó con fruición lo inesperado, a buen seguro se removerán los papeles viejos en que los analistas y los comentaristas de sucesos espléndidos, van dejando el polvo dorado de sus memorias.

Aquella mujer singular, que nunca estuvo quieta y fué siempre noticia de primera plana, es la misma que al llegar a una ciudad en una “tournée” de conferencias, no tuvo empacho en salir al encuentro de quienes le daban la bienvenida, exclamando “¡Soy Frank Leslie!”.

En las páginas de este libro, gracias al dominio de los materiales humanos que miss Stern tuvo a su disposición y a los recursos que supo aprovechar para reconstruir con gracia los patéticos instantes de aquella existencia en relámpago, se hallan los ingredientes para una película de cine en technicolor o para una sinfonía en la que se escuche el llanto y la risa eufórica, el amor dilapidado y el odio que en la medianoche elabora sus venenos sutiles.

RAFAEL HELIODORO VALLE.

C. MALCOLM BATCHELOR, *Stories and Storytellers of Brazil*.—Volume 1: *Folklore*.—La Habana, 1953 (copyright do autor, 1952). 226 pp.

Este livro serve de introdução a outro, que ainda não apareceu. Por isso qualquer juízo sobre o presente volume é de necessidade provisório. A prova do valor da obra será a aplicação, às obras literárias estudadas, da teoria aqui exposta.

Tendo verificado a frequência e a importância de motivos folclóricos na literatura brasileira, o professor Batchelor resolveu estudar as histórias e os costumes tradicionais que fazem parte da herança espiritual do brasileiro de hoje para assim facilitar ao norte-americano a compreensão e a apreciação das obras que se inspiram nessas tradições ou se referem a elas. Para o autor, o conhecimento do folclore é sem dúvida alguma uma vantagem, para não dizer uma necessidade ("Introduction", p. 17).

O professor Batchelor estuda, pois, em sucessão os elementos de origem europeia, os que vêm dos indígenas e infim os africanos. Claro que reconhece a impossibilidade de uma classificação rigorosa, pois histórias de procedência diversa influíram uma sobre a outra, se fundiram, se combinaram.

Era sem dúvida fora do propósito do autor estudar os aspectos sociológicos e antropológicos do folclore; só de vez em quando faz uma referência passageira ao assunto. Mas contar história sobre história sem ligá-las a qualquer ponto de referência acaba aborrecendo o leitor. É o que acontece especialmente nos longos capítulos sobre elementos europeus. As secções seguintes são mais bem sucedidas, pois as lendas índias e africanas são relacionadas com o conjunto cultural das gentes que as criaram.

Os últimos capítulos, que tratam do Estado do Rio Grande do Sul e das tradições gaúchas, me parecem os melhores. Pois neles o autor faz um estudo de conjunto onde examina não só motivos folclóricos como também factores geográficos, históricos, antropológicos e sociológicos aos quais vincula as lendas e as tradições da região. Tal maneira de encarar o tema sugere também que o folclore não é a única porta para uma plena compreensão da actual literatura brasileira; é evidente que noções de geografia, de história, de antropologia e de sociologia são igualmente essenciais para apreciar devidamente esas obras-primas que são *Vidas Secas* (1938), do saudoso Graciliano Ramos, *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego, *Terras do Sem Fim* (1943), de Jorge Amado, e *O Tempo e o Vento* (1949), de Érico Veríssimo, para só mencionar quatro monumentos do movimento literário contemporâneo.

A bibliografia não foi redigida com o cuidado que se esperaria. É dividida em duas listas, a primeira de livros, a segunda de artigos de revista. As duas contêm uma estranha mistura que compreende um dicionário e um artigo sobre influências norte-americanas no Brasil. Uma classificação mais pormenorizada clarificaria o por quê da inclusão. Noto também que alguns títulos importantes citados no texto não aparecem na bibliografia. As datas são às vezes erradas, ou pelo menos podem induzir em erro ao leitor desprevenido: assim as *Memórias de Um Sargento de Milícias* tiveram mesmo uma edição em 1941, mas apareceram pela primeira vez em volume em 1854-55; a edição de 1940 de *O Selvagem*, de Couto de Magalhães, é já a quarta, a obra tendo sido publicada originalmente em 1876. E há mais indicações igualmente falhas. Outra lacuna sensível em obra de referência é a falta de um índice.

Volto, porém, ao que disse no começo: seria injusto querer julgar este volume sem ver o seguinte. Certos defeitos técnicos à parte, o professor Batchelor nos deu, especialmente nos capítulos sobre o Rio Grande do Sul, uma amostra do que sabe fazer. E essa amostra é de bom augúrio para o próximo volume. Acrescente-se que, particularmente na prosa, o autor se revela bom tradutor; oxalá o futuro lhe ofereça a ocasião de exercer esse dom invulgar!

BENJAMÍN M. WOODBRIDGE, JR.,
University of California,
Berkeley.